RESUMO
Este artigo aborda a importância dos contos no processo de desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), enfatizando seu potencial para promover avanços significativos nas dimensões emocional, cognitiva e social. Por meio da literatura infantil, é possível estimular habilidades essenciais como empatia, comunicação e socialização, favorecendo a interação da criança com o meio em que vive. Para que esse processo seja eficaz, o texto discute a necessidade de adaptar as narrativas às especificidades do público com TEA, respeitando seus ritmos e formas de percepção. São exploradas práticas pedagógicas que valorizam a individualidade de cada criança, incluindo o uso de recursos multimodais — como imagens, sons e elementos interativos — e a criação de contextos educacionais inclusivos e afetivos. Ao integrar sensibilidade pedagógica e estratégias ajustadas, os contos se consolidam como ferramentas poderosas para uma aprendizagem mais acessível, envolvente e significativa.
PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Espectro Autista; Educação Inclusiva; Narrativas Infantis.
ABSTRACT
This article addresses the importance of stories in the development process of children with Autism Spectrum Disorder (ASD), emphasizing their potential to promote significant advances in the emotional, cognitive, and social dimensions. Through children's literature, it is possible to stimulate essential skills such as empathy, communication, and socialization, favoring the child's interaction with the environment in which they live. For this process to be effective, the text discusses the need to adapt narratives to the specificities of the ASD audience, respecting their rhythms and forms of perception. Pedagogical practices that value the individuality of each child are explored, including the use of multimodal resources — such as images, children, and interactive elements — and the creation of inclusive and affective educational contexts. By integrating pedagogical sensitivity and adjusted strategies, stories are consolidated as powerful tools for more accessible, engaging, and meaningful learning.
KEY-WORDS: Autism Spectrum Disorder; Inclusive Education; Children's Narratives.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por um conjunto de alterações que afetam, de modo particular, as áreas da comunicação, da interação social e dos comportamentos, marcados por interesses restritos e ações repetitivas. Crianças com TEA costumam enfrentar desafios expressivos em sua convivência social, especialmente no que diz respeito à compreensão de regras sociais implícitas, à empatia e à construção de vínculos afetivos. Diante desse cenário, os contos surgem como uma ferramenta pedagógica de grande valor, uma vez que oferecem uma ponte simbólica para que essas crianças acessem e compreendam o mundo emocional, social e cognitivo. Ao apresentar personagens, situações variadas e narrativas envolventes, os contos contribuem para a formação de um repertório emocional e linguístico, possibilitando à criança ampliar sua capacidade de expressão, de identificação com o outro e de organização do pensamento.

O potencial educativo dos contos se intensifica quando as narrativas são adaptadas às características específicas de cada criança com TEA. Histórias com estruturas simples, linguagem clara e personagens com vivências similares às das crianças favorecem maior engajamento e compreensão. Além disso, o uso de recursos multimodais — como ilustrações nítidas, vídeos, animações e tecnologias interativas — contribui significativamente para tornar a narrativa mais acessível, despertando a atenção e facilitando a interpretação do conteúdo por meio de múltiplas linguagens sensoriais.

Outro ponto fundamental refere-se à adoção de estratégias pedagógicas intencionais que viabilizem o uso efetivo dos contos no processo de aprendizagem. Práticas como

a leitura compartilhada, a exploração dialogada do enredo, o incentivo à oralidade e a mediação das emoções e comportamentos dos personagens permitem que a criança com TEA se envolva ativamente com a história. Esse envolvimento promove a aprendizagem de normas sociais, a ampliação do vocabulário e a compreensão de diferentes perspectivas emocionais, competências fundamentais para a vida em sociedade.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo analisar a importância dos contos no desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista, refletindo sobre seu papel como recurso pedagógico inclusivo. Ao longo do texto, serão discutidos os impactos positivos das narrativas na formação emocional, social e cognitiva dessas crianças, bem como as adaptações metodológicas e didáticas necessárias para que os contos sejam verdadeiramente eficazes, acessíveis e significativos no contexto educacional.

O IMPACTO DOS CONTOS NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DE CRIANÇAS COM TEA

Os contos infantis exercem um papel fundamental no desenvolvimento emocional de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente por sua capacidade de apresentar narrativas simbólicas que possibilitam o trabalho com emoções de forma lúdica, estruturada e acessível. Por meio das histórias, a criança entra em contato com conflitos, superações e interações interpessoais que refletem situações da vida cotidiana. Esses elementos, ao serem mediados pelo educador, criam um ambiente propício para que a criança explore sentimentos e compreenda comportamentos em um espaço seguro. Conforme aponta Vygotsky (2012, p. 92), o desenvolvimento emocional e da linguagem ocorre principalmente por meio das interações sociais, e os contos representam uma via poderosa para mediar essas interações e promover o amadurecimento afetivo.

A linguagem simbólica característica dos contos oferece à criança com TEA uma estrutura organizada que favorece a identificação e nomeação das emoções — habilidades que, frequentemente, representam um desafio para esse público. Ao vivenciar, ainda que simbolicamente, os sentimentos experimentados pelos personagens — como medo, tristeza, alegria ou frustração —, a criança tem a oportunidade de reconhecer esses mesmos estados emocionais em si e nos outros. Bosa e Teixeira (2017, p. 103) destacam que crianças com autismo tendem a se beneficiar de estratégias que associam emoções a contextos visuais e narrativos claros, o que torna o uso de contos especialmente eficiente nesse processo de reconhecimento e compreensão emocional.

Além disso, os contos possibilitam a vivência indireta de consequências emocionais de atitudes humanas, como o arrependimento, a culpa, o perdão ou a felicidade diante da superação de um conflito. Essas experiências simuladas funcionam como ensaios sociais, permitindo que a criança compreenda os efeitos das ações e desenvolva um repertório emocional mais amplo. A exposição repetida a essas narrativas contribui para o fortalecimento da empatia e da autorregulação emocional, competências essenciais para a convivência social (Bosa; Teixeira, 2017, p. 110).

Outro aspecto importante é a previsibilidade da estrutura dos contos, que geralmente seguem um padrão com começo, meio e fim bem definidos. Essa organização narrativa estável favorece a compreensão e oferece segurança cognitiva para crianças com TEA, que comumente apresentam dificuldades diante de situações imprevisíveis ou mudanças inesperadas. De acordo com Schwartzman (2012, p. 58), a criação de rotinas e padrões reconhecíveis é uma estratégia eficaz para reduzir a ansiedade e facilitar o engajamento dessas crianças — característica que os contos naturalmente atendem.

A identificação com os personagens das histórias também constitui um fator que enriquece o processo emocional. Quando a criança com TEA se reconhece nas atitudes, dificuldades ou conquistas de um personagem, ela encontra uma oportunidade para elaborar suas próprias experiências internas de maneira mais clara e simbólica. Oliveira (2012, p. 83) ressalta que a literatura infantil, ao representar vivências humanas universais, oferece às crianças meios para compreender e aceitar seus sentimentos, além de abrir caminhos para o diálogo com adultos e colegas, promovendo conexões mais empáticas e significativas.

Os contos criam oportunidades de vínculo afetivo entre a criança e o adulto mediador. O momento de escuta da história, permeado por entonações expressivas, gestos e contato visual, constitui uma situação de troca afetiva que fortalece a relação interpessoal. Esse contato emocional é essencial para o desenvolvimento socioafetivo da criança com TEA, estabelecendo relações baseadas na confiança, no acolhimento e na presença sensível do educador. Como enfatiza Vygotsky (2012, p. 116), é a partir dessas interações de qualidade que se estruturam os processos mais complexos do desenvolvimento emocional e cognitivo, especialmente nos primeiros anos de vida.

A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMUNICAÇÃO E DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS COM TEA

A linguagem constitui um dos domínios mais sensivelmente afetados em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo comuns dificuldades na fala, na compreensão verbal, no uso adequado da linguagem e na comunicação não verbal. Diante desse cenário, os contos infantis surgem como um recurso pedagógico privilegiado para o desenvolvimento linguístico e comunicativo, oferecendo um ambiente lúdico e simbólico que favorece a mediação entre o sujeito e a linguagem. Conforme Vygotsky (2012, p. 58), a linguagem se constrói nas interações sociais, e os contos, ao promoverem momentos de escuta, repetição, resposta e diálogo, viabilizam essas experiências interativas de maneira significativa e prazerosa.

A contação de histórias oferece ao leitor, além do caráter estético, o caráter pedagógico, possibilitando a ele, o desdobramento de suas capacidades intelectuais, sem que para isso precise montar e desmontar palavras e decodificar símbolos. Esta aquisição de conhecimento pode dar-se através da audição, ou seja, enquanto ouve uma história, uma música, uma poesia, ou pela leitura, quando já está apto a fazê-la. (LIPPI; FINK, 2012, p. 22).

A leitura de histórias em voz alta, especialmente quando realizada por um mediador experiente, possibilita a ampliação do vocabulário e o fortalecimento de estruturas linguísticas. A entonação expressiva, as pausas estratégicas e os esclarecimentos durante a contação tornam o enredo mais compreensível e favorecem a aprendizagem de novas palavras em contextos concretos e significativos. Segundo Bosa e Teixeira (2017, p. 147), a linguagem funcional, quando inserida em atividades lúdicas como a contação de histórias, torna-se mais acessível às crianças com TEA, pois sai do campo da abstração e ganha contornos visuais e narrativos mais claros.

Outro aspecto relevante diz respeito à repetição de fórmulas linguísticas típicas dos contos, como “Era uma vez...”, “De repente...” ou “E viveram felizes para sempre”. Esses padrões narrativos não apenas estruturam a história, mas também facilitam a internalização da linguagem, promovendo familiaridade e previsibilidade — elementos importantes para crianças com autismo. Conforme Schwartzman (2012, p. 76), a previsibilidade é uma característica que favorece o engajamento e a segurança dessas crianças, permitindo uma melhor organização do discurso e desenvolvimento da escuta ativa.

A contação de histórias também oferece múltiplas oportunidades para a ativação da linguagem expressiva. O educador pode instigar a criança a antecipar eventos da trama, nomear personagens, descrever cenas ou recontar a história com suas próprias palavras. Essas práticas contribuem para o fortalecimento da organização narrativa, o desenvolvimento do pensamento sequencial e a articulação de ideias, além de estimularem a construção autônoma do discurso. Oliveira (2012, p. 94) enfatiza a eficácia dessa abordagem, especialmente quando aliada a recursos visuais que auxiliam na memória e no encadeamento das informações.

Além da linguagem verbal, os contos também estimulam o desenvolvimento da comunicação não verbal — como gestos, expressões faciais, contato visual e entonação emocional —, componentes essenciais para a comunicação humana e frequentemente comprometidos em crianças com TEA. A experiência de contar e ouvir histórias é, por natureza, multimodal, pois integra diferentes formas de expressão que se reforçam mutuamente. Bosa e Teixeira (2017, p. 152) ressaltam que atividades que envolvem múltiplos modos de linguagem ampliam as

possibilidades de compreensão e expressão, promovendo uma comunicação mais rica e completa.

Dessa forma, os contos infantis se revelam instrumentos pedagógicos potentes para o desenvolvimento da linguagem e da comunicação em crianças com autismo, ao conjugarem elementos verbais, visuais e emocionais em contextos significativos e estruturados. Seu uso, mediado por práticas intencionais e adaptadas, pode transformar a experiência linguística dessas crianças, promovendo avanços expressivos em sua capacidade de compreender, se expressar e interagir com o mundo.

OS CONTOS COMO INSTRUMENTOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA EMPATIA E DAS HABILIDADES SOCIAIS EM CRIANÇAS COM TEA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) envolve desafios significativos no campo da interação social, da empatia e da compreensão das normas de convivência. Crianças com TEA frequentemente enfrentam dificuldades para interpretar emoções alheias, compreender pontos de vista distintos dos seus e adaptar-se a contextos sociais variados. Nesse contexto, os contos infantis se apresentam como ferramentas poderosas para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais, pois abordam, de forma simbólica e acessível, conflitos humanos, dilemas morais e relações interpessoais. Segundo Baron-Cohen (2008, p. 72), a empatia cognitiva — capacidade de se colocar no lugar do outro — pode ser estimulada por meio de atividades que envolvam a reflexão sobre as intenções e sentimentos dos personagens, e os contos cumprem exatamente esse papel de forma lúdica e estruturada.

As narrativas infantis expõem as crianças a contextos emocionais diversificados, nos quais os personagens enfrentam situações que envolvem medo, raiva, alegria, vergonha, frustração ou saudade. Ao acompanhar o desenrolar das histórias, a criança é convidada a refletir sobre os estados internos dos personagens: o que sentem, por que agem de determinada maneira e quais as consequências dessas ações. Oliveira (2012, p. 89) afirma que esse contato com o universo simbólico das emoções contribui para o início do processo de reconhecimento do outro como sujeito emocional, constituindo a base para o desenvolvimento da empatia emocional. Esse processo é ainda mais eficaz quando há mediação intencional por parte do adulto, que destaca os sentimentos vivenciados pelos personagens e os conecta a situações reais do cotidiano da criança.

Atividades complementares como o reconto de histórias, a dramatização de cenas ou a criação de finais alternativos favorecem o pensamento social e a flexibilidade cognitiva. Ao serem desafiadas a imaginar diferentes desfechos ou motivações para os personagens, as crianças com TEA desenvolvem a capacidade de considerar outras perspectivas e exercitam habilidades de inferência social. De acordo com Bosa e Teixeira (2017, p. 130), crianças com autismo se beneficiam especialmente de estratégias que envolvam a reflexão sobre intenções e emoções de terceiros, e os contos funcionam como verdadeiros laboratórios de habilidades sociais. Ademais, essas atividades, quando realizadas em grupo, proporcionam interações espontâneas entre os pares, promovendo o desenvolvimento de competências interpessoais de forma natural e contextualizada.

O momento da contação de histórias em grupo oferece, por si só, um espaço estruturado de aprendizado social. Durante a atividade, é possível praticar regras como esperar a vez de falar, escutar ativamente o outro, cooperar e negociar ideias. Essas competências, essenciais para a convivência escolar e social, são frequentemente desafiadoras para crianças com TEA, que tendem a se sentir inseguras diante da imprevisibilidade das interações sociais. Conforme Schwartzman (2012, p. 64), o ambiente estruturado proporcionado pela narrativa oral oferece segurança emocional e cognitiva, reduzindo a ansiedade e facilitando a participação social da criança com autismo.

Outro aspecto relevante é o conteúdo simbólico e ético das histórias. Muitos contos abordam de forma indireta e não impositiva temas como inclusão, amizade, diversidade, cooperação e respeito às diferenças. Obras como O patinho feio, A lagarta comilona ou O monstro das cores funcionam como metáforas potentes para tratar sentimentos e situações sociais, oferecendo ao educador uma base rica para diálogos reflexivos. Segundo

Oliveira e Crenitte (2021, p. 159), esses elementos simbólicos podem ser incorporados a intervenções pedagógicas ou terapêuticas específicas, direcionadas ao desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais em crianças com TEA.

Entretanto, é fundamental destacar que o potencial dos contos como instrumentos de desenvolvimento socioemocional depende diretamente da mediação qualificada do educador. A leitura isolada da história não garante, por si só, a internalização de valores ou a emergência da empatia. É necessário que o mediador provoque reflexões, estimule a expressão emocional, estabeleça conexões com a realidade da criança e crie um espaço afetivo de escuta e acolhimento. Como defende Vygotsky (2012, p. 104), o desenvolvimento humano acontece por meio das interações sociais, e cabe ao adulto facilitar a relação da criança com os signos culturais e simbólicos presentes nas narrativas.

A EFICÁCIA DOS CONTOS NA CONSTRUÇÃO DE ROTINAS E COMPORTAMENTOS ADAPTATIVOS EM CRIANÇAS COM TEA

A previsibilidade e a organização são aspectos fundamentais no cotidiano de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma vez que a estabilidade nas rotinas favorece sua segurança emocional e reduz a ansiedade diante do imprevisível. Em vista disso, os contos infantis, tradicionalmente valorizados por seu valor literário e pedagógico, podem ser mobilizados como ferramentas eficazes para a construção de rotinas e o ensino de comportamentos adaptativos. Segundo Grandin (2006, p. 43), crianças com autismo tendem a responder melhor a informações organizadas de forma visual ou sequencial, características que são inerentes à estrutura narrativa dos contos, tornando-os altamente adequados para fins educativos e terapêuticos.

Ao integrar histórias que retratam situações cotidianas — como o momento de acordar, preparar-se para ir à escola, realizar a higiene pessoal, alimentar-se, brincar ou dormir — o educador oferece à criança modelos simbólicos de conduta. Nessas narrativas, os personagens vivenciam desafios semelhantes aos enfrentados pelas próprias crianças com TEA, como resistências, medos ou desorganização, e demonstram estratégias viáveis de enfrentamento. Assim, o conto funciona como uma espécie de "roteiro social", no qual se ilustram comportamentos desejáveis, suas etapas e as consequências de determinadas ações. Essa abordagem narrativa amplia a compreensão das normas sociais e fortalece a internalização de hábitos saudáveis e funcionais.

Se a criança com TEA entende o mundo ao seu redor de uma maneira diferente, a contação de histórias pode ajudá-la a entender o seu mundo, chamar sua atenção e aproximá-la desse mundo imaginário. As histórias são ótimas ferramentas de trabalho quando pensamos em formar leitores, pois vários aspectos contribuem para esse despertar para o mundo da leitura e da escrita, como, por exemplo, o fato de haver uma grande variedade de temáticas a serem exploradas, abrindo um leque de opções para o professor chamar a atenção da criança de acordo com seus interesses, criando empatia com os estudantes e podendo focar, por meio delas, os mais variados aspectos educacionais. (OLIVEIRA et al, 2017, p. 584).

O valor pedagógico dos contos se intensifica quando considerados seus efeitos na organização cognitiva. A estrutura sequencial “início, meio e fim” das histórias ajuda a criança a compreender o encadeamento lógico das ações, estabelecendo uma representação mental clara da temporalidade e da ordem dos eventos. Tal habilidade é essencial para a aquisição de rotinas e para a execução de tarefas com autonomia. Conforme Bosa e Caçola (2018, p. 98), o uso de narrativas contribui significativamente para a construção de esquemas mentais de ação, permitindo que a criança antecipe etapas, organize seu comportamento e desenvolva maior senso de previsibilidade e controle sobre o ambiente.

Além disso, os contos oferecem uma oportunidade de reforço positivo ao retratar personagens que enfrentam obstáculos e demonstram superação, resiliência e adaptação. Quando essas histórias são escolhidas de forma criteriosa, podem apresentar figuras que espelham medos e dificuldades comuns no TEA, como a resistência a mudanças na rotina, o desconforto com o toque

físico ou a dificuldade de iniciar interações sociais. Ao observar esses personagens em processo de superação, a criança é encorajada a se identificar e, ao mesmo tempo, a visualizar caminhos possíveis para lidar com seus próprios desafios. Schwartzman (2018, p. 68) salienta que esse tipo de representação simbólica pode ser essencial para fortalecer a autoestima e ampliar a tolerância à frustração, favorecendo comportamentos mais adaptativos.

A repetição, frequentemente observada como característica marcante nas preferências das crianças com TEA, encontra nos contos um aliado estratégico. Reler uma mesma história várias vezes não apenas atende à necessidade de previsibilidade da criança, como também reforça, de forma sistemática, os padrões de comportamento desejados. Segundo Baron-Cohen et al. (2008, p. 121), essa repetição deve ser valorizada como uma oportunidade de consolidação de aprendizagens sociais e comportamentais, e não como limitação cognitiva. A familiaridade com a história permite à criança internalizar os conteúdos com mais segurança, o que facilita sua aplicação em contextos reais, tanto no ambiente escolar quanto no familiar.

Portanto, os contos infantis, quando utilizados de maneira planejada e mediada por um adulto sensível às necessidades da criança, constituem-se como instrumentos pedagógicos e terapêuticos eficazes na promoção de rotinas, comportamentos adaptativos e maior autonomia. Ao articular linguagem, afetividade e previsibilidade, essas narrativas favorecem o desenvolvimento integral das crianças com TEA, criando pontes entre o mundo simbólico e o cotidiano, e promovendo uma convivência mais harmoniosa com o entorno.

AS ADAPTAÇÕES NECESSÁRIAS NA UTILIZAÇÃO DOS CONTOS PARA CRIANÇAS COM TEA

Para que os contos desempenhem, de fato, um papel significativo no desenvolvimento social, emocional e cognitivo de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), é fundamental que sejam adaptados às especificidades desse público. A singularidade na forma como essas crianças processam estímulos, interagem com o mundo e constroem significados demanda estratégias cuidadosamente planejadas, que considerem suas características cognitivas, sensoriais e sociais. A mera apresentação de histórias em seu formato tradicional pode não alcançar os objetivos pretendidos, a menos que seja intencionalmente ajustada às particularidades do TEA.

O primeiro aspecto a ser considerado diz respeito à seleção do conteúdo narrativo. Histórias curtas, com enredos lineares, previsíveis e linguagem objetiva são preferíveis, pois favorecem a compreensão e reduzem o risco de confusão ou desatenção. Narrativas com personagens que enfrentam situações cotidianas — como ir ao médico, esperar em filas, brincar com colegas ou lidar com frustrações — estabelecem pontes simbólicas entre o universo da história e as experiências vividas pela criança. De acordo com Baron-Cohen et al. (2008, p. 89), a identificação com os personagens é um dos fatores mais relevantes para o envolvimento emocional e o aprendizado de habilidades sociais, visto que facilita o processamento empático e o reconhecimento de intenções alheias.

A forma de apresentação das histórias também exerce impacto direto na eficácia da mediação. Muitas crianças com TEA apresentam hipersensibilidade sensorial e dificuldades para interpretar imagens complexas, o que exige que os recursos visuais sejam cuidadosamente planejados. Imagens limpas, com poucos elementos, alto contraste e expressões faciais bem delineadas são fundamentais para garantir a compreensão dos sentimentos dos personagens e da progressão narrativa. Como destaca Grandin (2006, p. 45), a clareza visual permite que a criança se concentre no essencial, evitando a sobrecarga sensorial que frequentemente leva à dispersão ou à rejeição da atividade.

O ritmo da leitura deve ser igualmente adaptado, respeitando o tempo necessário para que a criança processe a informação e participe ativamente do momento narrativo. Pausas estratégicas ao longo da leitura, acompanhadas de perguntas abertas e estímulos à reflexão, ampliam as possibilidades de envolvimento e interpretação. Interrogações como “O que você faria nessa situação?”, “Como esse personagem se sente agora?” ou “Você já passou por algo parecido?” estimu-

lam o desenvolvimento da teoria da mente, habilidade frequentemente comprometida no TEA, além de favorecerem a autorregulação emocional. Bosa e Caçola (2018, p. 103) ressaltam que essas pausas não apenas auxiliam na atenção compartilhada, mas também ajudam a criança a desenvolver maior consciência de si e do outro no contexto da interação social.

A utilização de recursos multimodais — como sons suaves, movimentos animados, efeitos táteis e interações digitais — pode enriquecer a experiência narrativa, desde que sejam criteriosamente dosados. Livros digitais e aplicativos que oferecem trilhas sonoras tranquilas, narração pausada e pequenos elementos interativos tendem a manter o interesse da criança e facilitar a assimilação dos conteúdos abordados. No entanto, como alerta Schwartzman (2018, p. 75), o excesso de estímulos pode provocar desorganização sensorial, dificultando a concentração e a compreensão da história. Por isso, a mediação do adulto é indispensável para ajustar o ritmo, orientar a atenção e regular o uso de estímulos complementares.

A eficácia do trabalho com contos para crianças com TEA está diretamente vinculada à sua inserção em um processo contínuo e contextualizado. As histórias devem ser retomadas de forma sistemática, integradas à rotina pedagógica e terapêutica da criança, e articuladas às suas experiências concretas. Grandin (2006, p. 62) destaca que a repetição estruturada de conteúdo é essencial para o aprendizado de crianças com TEA, pois contribui para a consolidação de esquemas cognitivos, padrões de comportamento e repertórios linguísticos. Ao serem incorporadas ao cotidiano de maneira significativa e intencional, as histórias deixam de ser apenas entretenimento para se tornarem instrumentos potentes de construção de sentido, linguagem e convivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de contos no contexto educacional e terapêutico de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) revela-se uma prática de alto valor formativo, desde que orientada por princípios de adaptação e intencionalidade. Longe de constituírem meros recursos de entretenimento, as narrativas assumem um papel central na mediação simbólica do mundo, facilitando o desenvolvimento da linguagem, da empatia, da autorregulação emocional e das habilidades sociais — competências frequentemente comprometidas nesse público. Quando cuidadosamente selecionadas e contextualizadas, as histórias oferecem um ambiente seguro e estruturado para a criança experimentar e compreender situações sociais complexas, internalizando repertórios comportamentais e comunicativos de forma significativa.

Para que essa mediação ocorra com sucesso, é fundamental o uso de estratégias pedagógicas que respeitem as particularidades cognitivas e sensoriais das crianças com TEA. A integração de recursos multimodais — como imagens claras, sons suaves, interatividade digital e pausas reflexivas — potencializa o envolvimento e amplia a capacidade de compreensão do enredo. Essa combinação de estímulos favorece a atenção compartilhada e a imersão gradual na narrativa, criando uma ponte eficaz entre os conteúdos da história e a realidade vivida pela criança. A mediação ativa do educador ou terapeuta, por sua vez, é indispensável para orientar essa experiência, garantindo que a aprendizagem ocorra de maneira estruturada, contínua e afetiva.

Além disso, a presença sistemática dos contos na rotina pedagógica contribui para a construção de ambientes inclusivos e emocionalmente acolhedores. Ao abordar questões do cotidiano — como rotinas, sentimentos, relações interpessoais e resolução de conflitos —, as histórias proporcionam à criança com TEA meios simbólicos de compreender o mundo e de expressar suas próprias emoções com maior clareza e segurança. A identificação com os personagens, aliada à previsibilidade dos enredos, fortalece a autoestima, estimula a autonomia e promove o desenvolvimento de competências socioemocionais indispensáveis para a convivência em grupo.

A eficácia do uso dos contos está diretamente vinculada à articulação entre escola, família e profissionais da saúde. O planejamento conjunto, a observação contínua das respostas individuais da criança e a escolha sensível das narrativas tornam essa prática

pedagógica ainda mais potente. Dessa forma, a literatura infantil deixa de ser apenas uma ferramenta complementar e passa a ocupar um lugar de destaque na promoção da aprendizagem, da adaptação funcional e da inclusão plena. Valorizar sua aplicação com propósito e sensibilidade é investir no desenvolvimento integral das crianças com TEA, reconhecendo-as como sujeitos capazes de construir sentido, vínculos e cidadania por meio da escuta, da imaginação e da narrativa.

REFERÊNCIAS

BARON-COHEN, Simon; TAGER-FLUSBERG, Helen; LOMBARDO, Michael V. (Org.). Understanding other minds: Perspectives from developmental social neuroscience. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 2008.

BOSA, Cleonice Alves; TEIXEIRA, Maria Cristina T. V. (Orgs.). Autismo: avaliação psicológica e neuropsicológica. São Paulo: Hogrefe, 2017.

BOSA, Cleonice Alves; CAÇOLA, Priscila Maria. Transtorno do espectro autista e desenvolvimento motor: aspectos clínicos e funcionais. Porto Alegre: Artmed, 2018.

CUNHA, Maria Isabel da (Org.). Pedagogia universitária: energias emancipatórias em tempos neoliberais. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006.

GRANDIN, Temple. Pensar em imagens e outras informações sobre autismo. Tradução de Débora Landsberg. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2006.

LIPPI, Elisiane Andréia; FINK, Alessandra Tiburski. A arte de contar histórias: perspectivas teóricas e práticas. Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI. Vol.8, N.14: p.20-31, Maio/2012.

SCHWARTZMAN, José Salomão; ARAÚJO, Cares Alves. Transtornos do espectro do autismo. São Paulo: Memnon, 2012.

_____, José Salomão. Cem dúvidas sobre o autismo. São Paulo: Memnon, 2018.

OLIVEIRA, Daiane Waechter; MELLO, Camila Efthymiatos Alvarez; SOARES, Mariana Santos; TOIGO, Renata. O fantástico mundo do era uma vez: a importância da contação de histórias para a formação do leitor com transtorno do espectro autista.1° Seminário de luso-brasileiro da Educação Inclusiva: o Ensino e a aprendizagem em discussão. Porto Alegre, RS. 2017.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de (Org.). A criança e seu desenvolvimento: perspectivas para se discutir a educação infantil. São Paulo: Cortez, 2012.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 2012.